

Paróquia de Alfragide

N.º 23 | Novembro 2026

Chamados a Ser Santos

A Solenidade de Todos os Santos convida a olhar para o Céu e a reconhecer a vocação universal à santidade. A origem litúrgica desta festa remonta aos primeiros séculos, quando a Igreja venerava conjuntamente os mártires. No século VIII, o Papa Gregório III dedicou uma capela na Basílica de São Pedro a todos os santos, apóstolos, mártires e confessores, fixando a memória a 1 de novembro. Mais tarde, no século IX, o Papa Gregório IV estendeu oficialmente a celebração a toda a Igreja ocidental, consolidando o dia como um hino de louvor à multidão dos salvos.

São John Henry Newman ensinava que a santidade não é uma meta inalcançável reservada a exceções heroicas, mas sim o fruto da fidelidade diária nas tarefas ordinárias da vida. No seu célebre sermão deste dia, o teólogo recorda que os santos formam uma "nuvem de testemunhas" invisível que caminha ao lado da Igreja peregrina, mostrando que a vida segundo o Evangelho é verdadeiramente possível em qualquer época.

Reforçando esta intuição espiritual, o Papa Leão XIV sublinha que a santidade é a plena concretização da dignidade humana e a verdadeira finalidade de toda a vida cristã. Para o Pontífice, responder ao chamamento de Deus exige colocar o amor em ação nas pequenas coisas do quotidiano, cuidando especialmente dos mais frágeis e vulneráveis da sociedade.

Celebrar Todos os Santos é renovar a esperança e compreender que a graça de Deus atua silenciosamente nas nossas famílias, no trabalho e no serviço pastoral. Que este dia nos estimule a procurar a



perfeição do amor no dia a dia, acolhendo a misericórdia de Deus que a todos chama à plenitude da vida eterna.

Todos os Santos e Santas de Deus, rogai por nós!

Entre a Saudade e a Esperança: Orar Pelos Nossos Defuntos

A Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos convida-nos a renovar a esperança cristã e a olhar para a morte não como um fim absoluto, mas como a passagem para a vida eterna. A origem desta celebração remonta ao ano 998, quando Santo Odilon, abade do Mosteiro de Cluny, estabeleceu que os seus monges oferecessem orações e a Santa Missa pelas almas dos falecidos a 2 de novembro. A partir de Cluny, esta devota tradição espalhou-se rapidamente por toda a Igreja Ocidental.

São João Paulo II recordava com frequência que a oração pelos mortos é um ato sublime de caridade e comunhão, fortalecendo os laços espirituais que unificam a Igreja peregrina na Terra com a Igreja padecente no Purgatório. Segundo o Santo Pontífice, o sufrágio prestado aos defuntos expressa o amor incondicional que vence as barreiras do tempo e da própria morte.



Aprofundando este mistério, o Papa Francisco destaca que o Dia de Finados une a memória amorosa à esperança invencível. Para o Santo Padre, fazer memória dos que partiram ajuda a recordar as nossas raízes, enquanto a fé nos orienta para o horizonte do amor paternal de Deus, iluminado pelo caminho diário das Bem-aventuranças.

Orar pelos nossos entes queridos é um ato de profunda gratidão e misericórdia. Ao participarmos no sufrágio pelas almas, manifestamos a firme convicção de que a vida não é tirada, mas transformada.

Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso, entre os esplendores da luz perpétua. Descansem em paz. Amen.

O Rei Servidor: Amar e Servir com Cristo

A Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, celebrada no último domingo do Ano Litúrgico, coroa e sintetiza todo o mistério da nossa fé. Longe de evocar o poder político ou a dominação terrena, esta realeza revela-se na Cruz, no amor extremo e na entrega redentora de Jesus por toda a humanidade.

A instituição desta festividade relativamente recente, estabelecida pelo Papa Pio XI em 1925, encontrou eco profundo no magistério do Papa Bento XVI. O teólogo e pontífice alemão esclareceu repetidamente que o reinado de Cristo não se impõe pela força, mas conquista os corações através da verdade, da justiça e do amor. Bento XVI lembrava que Jesus não veio destruir os poderes humanos, mas oferecer uma nova medida de autoridade: o serviço humilde e a doação total. Para o Papa emérito, quando permitimos que Cristo reine na nossa liberdade, a nossa vida transforma-se e o mundo começa a ser iluminado pela luz da esperança divina.

Esta visão dialoga harmoniosamente com o ensinamento dos grandes Doutores da Igreja. Santo Agostinho, ao refletir sobre a realeza de Cristo, distinguiu o modo como os reis deste mundo exercem o poder daquele que reina "da altura da árvore" da Cruz. Para o santo bispo de Hipona, o trono de Jesus é o madeiro sagrado, onde Ele reina atraindo todos a si pela misericórdia. Por sua vez, São Tomás de Aquino aprofundou que a realeza de Cristo é universal porque Ele é o Criador e Redentor de tudo o que existe, exercendo um senhorio que abrange não apenas a história, mas a intimidade de cada consciência humana.

Também Santa Teresa de Ávila nos recorda a proximidade deste Rei. Esta Doutora da Igreja ensina que Jesus não é um soberano distante; é um Rei manso e humilde que se faz nosso companheiro e amigo, desejando habitar na "morada interior" da alma de quem o acolhe com amor.

Celebrar Cristo Rei é, portanto, um convite a redefinirmos as nossas prioridades e a colocarmos o Evangelho no centro das nossas famílias, do nosso trabalho e da nossa vida comunitária. Significa reconhecer que a última palavra sobre a história humana não pertence aos impérios passageiros, mas ao amor crucificado e ressuscitado.

Que esta solenidade renove em cada um de nós o compromisso de testemunhar a justiça, a paz e a fraternidade, sabendo que servir a Cristo nos irmãos é o caminho seguro para participar no Seu Reino eterno.

Venha o Teu Reino, Senhor, e faça-se a Tua vontade na terra como no Céu!





MENSAGEM DO PÁROCO

Caríssimos paroquianos e amigos,

Encaminhamo-nos para o fim do Ano Litúrgico, que se cumpre com a Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. Esta celebração, vivida anualmente, convida-nos a testemunhar, mais amplamente, que o Senhor é quem é o fim da história humana, é Ele a verdadeira alegria dos nossos corações, a plenitude das nossas aspirações autênticas. Porém, esta convergência de toda a história em Cristo não é um facto mecânico, mas é fruto do próprio amor divino manifestado em Cristo, que deseja envolver a humanidade inteira. Este amor faz-se contemporâneo e atual na prática das obras de misericórdia, segundo o Evangelho.

Em que sentido devemos entender tudo isto, se o homem de hoje está bem consciente das suas possibilidades de domínio sobre o mundo? Como fazer compreender-lhe que sem Cristo nada pode fazer? A resposta passa inevitavelmente pelos próprios batizados em Cristo que, convivendo com os outros homens, estão chamados a testemunhar a íntima relação que se dá entre a verdade das realidades humanas e a fé viva em Cristo. Ao entrar na corrente universal do amor operoso, expresso pelo Evangelho pelas obras de misericórdia e caridade, o cristão contribui para restituir as realidades criadas à sua verdade. O cristão aparecerá, assim, como um homem apaixonado pela verdade do homem, pela sua autêntica realização, que não se esgota no presente, mas que se abre a um futuro eterno em Deus. O homem surgirá, por sua vez, menos agravado pelo pecado e capaz de usar as coisas para o seu bem, para o bem dos outros e para glorificar a Cristo, Rei do Universo. Inspirando-nos em Cristo e no seu Evangelho vivamos, então, a prática das obras de misericórdia e caridade.

Invoco para cada um de vós e para as vossas famílias a bênção de Deus e a proteção de Nossa Senhora das Graças.

Pe. Paulo Coelho, scj

Edição: Tenda de São Paulo

Subscrição em https://forms.gle/M8XkLbb2XcT74Y6b8

https://paroquiadealfragide.pt